Ano XXIII — Lisboa, Agosto de 1967 — N.º 268

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "o Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

A PROPÓSITO DO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO DA PENA DE MORTE EM PORTUGAL

Pelo Professor António Álvaro Dória

Recentemente deram os jornais do País relato, mais ou menos circunstanciado, das cerimónias comemorativas da passagem do 1.º centenário da abolição da pena de morte em Portugal, ocorrida em 1 de Julho de 1867, por decisão do Ministério de Joaquim António de Aguiar, sendo Ministro da Justiça Augusto César Barjona de Freitas.

Aboliu-se então pràticamente o que havia já anos se não usava, como o próprio legislador salientou no preâmbulo da lei, escrevendo que tal pena já fora «abolida pelos costumes, pela sua inutilidade, pela prescrição de largos anos», tendo portanto correspondido essa abolição a um desejo profundo das consciências e àquilo que se esperava desde a instauração do Constitucionalismo em Portugal, onde, havia já anos, o Acto Adicional de 1852 abolira também a pena de morte por crimes políticos, que durante séculos justificara (?) o desforço dos vencedores.

No passado, fazia-se de uma execução capital espectáculo, que se esperava fosse edificante para os delinquentes em potência, como se a vista de um acto de punição capital — sempre cruel e tantas vezes bárbaro — pudera contribuir para algo mais do que recalcar sentimentos de revindicta e de revolta. Como disse o eminente jurisconsulto, Prof. Manuel Cavaleiro de Ferreira, na sessão comemorativa, levada a efeito na Academia das Ciências: «A crueza das penas endurece o espírito público, e tanto assim que no passado as execuções capitais eram acontecimentos festivos. Impondo a pena de morte, o Estado concorre por isso para o entorpecimento moral da sensibilidade pública».

Independentemente deste aspecto moral, há ainda a considerar o da justiça pròpriamente dita. De facto, por muito que os homens se esforcem por serem justos no julgamento dos actos dos seus semelhantes, nunca houve na Terra justiça perfeita, por ter havido sempre imponderáveis psicológicos a pesar nos juízos humanos. Qualquer de nós, por si próprio e em exame introspectivo, pode verificar como o mesmo acto o pode julgar por prismas diferentes, sempre deformador, ora sob um aspecto favorável, ora desfavorável, conforme o momento, a disposição pessoal, o próprio meio ambiente.

Podemos, por isso, perguntar, e outros o fizeram tantas vezes: Quantos supostos delinquentes foram executados inocentes? Quantos sofreram a pena capital sacrificados a preconceitos, a malquerenças, a ódios que pesaram na balança da Justiça no momento do julgamento? Quantas vezes, juízes corruptos ou esmagados sob o peso do medo, condenaram contra a sua própria consciência, forçados por imposições vindas de mais alto, como nos chamados crimes políticos?

E o legislador, no citado preâmbulo da lei da abolição, referiu-se também aos «defensores das garantias sociais, que naquela extrema

Continua na pág. 2

O XII JAMBORI MUNDIAL

As primeiras impressões deste grande acampamento escotista

pelo nosso enviado especial Rui Horácio Filipe de Macedo

Realizou-se mais um Jambori Mundial — o XII —, acontecimento de maior significado no calendário escotista mundial.

Esta grande actividade, que se realizou em Idaho, nos Estados Unidos da América, reuniu cerca de 14.000 rapazes e teve como lema a **Amizade**, a amizade entre jovens de mais de 100 nações, pois é a amizade o sentimento que urge estimular e desenvolver no mundo, visto que a sua carência traz hoje as piores consequências para a vida dos povos.



Continua na pág. 6

NESTE NÚMERO:

O «SEMPRE PRONTO» NO NORTE • ACAMPAMENTO REGIONAL DO NORTE • CONCURSO DE ENCADERNAÇÕES

A propósito do centenário da abolição da pena de morte em Portugal

Continuado da pág. 1

e sangrenta punição julgam ver assegurada a ordem e defendida a sociedade», enquanto «os zelosos propugnadores da inviolabilidade da vida humana (...) amaldiçoam, como desnecessária e criminosa, a pena que paga o sangue com sangue, que mata mas não corrige, que vinga mas não melhora, e que, usurpando a Deus as prerrogativas da vida e fechando a porta ao arrependimento, apaga no coração do condenado toda a esperança da redenção, e opõe à facilidade da justiça humana as trevas de uma punição irreparável».

Mas, ou justiçados por força de imposições dos mais fortes em holocausto a ódios religiosos ou políticos, ou condenados por erro de juízo, uma vez cumprida a lei, não mais haverá possibilidade de reparação quando se verificou o erro judiciário ou a injustiça da execução. E foi esse um dos argumentos mais válidos contra a pena de morte.

Que a todo o crime deva corresponder castigo, graduado conforme a gravidade do delito, é verdade que a própria Natureza nos ensina: jamais nenhum ser vivo infringiu as leis naturais sem que, mais tarde ou mais cedo, fosse duramente castigado.

Sendo o Homem um ser ainda imperfeitíssimo do ponto de vista moral, e que, parece, paradoxalmente, retroceder moralmente quanto mais avança no caminho de progresso material, a Sociedade exige que todo o delinquente receba uma pena proporcionada ao grau do crime praticado.

Em contrapartida, porém, ela tem dever mais alto para com ela própria: esforçar-se por todos os meios por reabilitar o criminoso, que lhe deve ser restituído completamente resgatado e pronto a ser desde então um cidadão útil, salvantes os casos de anormalidade congénita, que exigem tratamento especial. Como disse o já citado Prof. Cavaleiro de Ferreira: «A pena deve reprovar a culpa do delinquente e estruturar-se de modo a alcançar a reintegração moral do delinquente. Só pela redenção de culpa se repara o mal do crime».

Ora isto só é possível na medida em que a pena não seja infamante, como tantas vezes o era nos séculos passados, quando ainda a lei era a pena de talião — «olho por olho, dente por dente». O respeito pela pessoa humana, seja ela a de um vil criminoso, ensinou-o pela primeira vez certo Homem que, em terras da Galileia, mandava amar o próximo como a nós mesmos e fazer aos outros o que nós queremos que nos façam.

Em Portugal, foi o liberalismo quem pôs termo às penas infamantes, primeiro pela Constituição de 1822 no seu art. 11.º, depois pela Carta Constitucional com os parágrafos 18 e 19 do seu art. 145.º, embora ainda se mantivesse a prisão maior celular.

Aniquilar uma vida em holocausto a ódios, quando não seja em defesa da própria vida do que o faz, é crime de lesa-Humanidade, ainda que se invoquem preceitos de justiça ou códigos imperfeitos, fruto de homens imperfeitos. O mesmo Prof. Cavaleiro de Ferreira disse que não sendo justa a pena de morte, «só poderia fundamentar-se, como se tentou, na necessidade social para intimidação geral ou para eliminação de delinquentes perigosos. Mas a intimidação geral não pode ser fim de uma pena, pois que é absurdo punir o criminoso para exemplo dos demais. O condenado é rebaixado à condição de meio de atemorização geral».

Por isso se faz mister que a Lei, ao punir, o faça na certeza de que o delinquente, ao reconhecer a falta contra a Sociedade, pode vir a ser, mais tarde, cidadão útil e prestante, capaz de servir essa mesma Sociedade contra que um dia se rebelou.

No século XVIII, foi Voltaire quem, com mais energia e decisão, lutou contra a pena de morte, tendo sido o processo de Calas a mais violenta batalha travada no Mundo para alcançar a sua abolição. Mas nos tempos modernos, foi Vítor Hugo, escrevendo essa comovente novela **O Último Dia de um Condenado** e, mais tarde, **Os Miseráveis** (aquela contra a pena capital, estes contra a morte civil dos galerianos), quem mais denodada e insistentemente se bateu pela abolição da pena de morte, tendo ficado memoráveis os seus esforços para salvar dois condenados: John Brown, o estrénuo defensor da integração social dos negros nos Estados Unidos, e o imperador Maximiliano do México, enforcado aquele em 1859, às vésperas da Guerra da Secessão, fuzilado este em 1867. Mas o glorioso escritor teve o desgosto de saber que nem a sua carta ao presidente Buchanan, nem a endereçada a Benito Juárez, tiveram o condão de impedir a consumação de sentenças lavradas de antemão e sob o impulso do ódio.

E quando o ilustre exilado, no seu rochedo de Guernesey, teve notícia da abolição da pena de morte em Portugal, há 100 anos, para cuja aceitação pelos espíritos serenos deveria ter contribuído muito a doutrinação que o glorioso velho vinha fazendo e a sua palavra eloquente tinha em todo o Mundo a costumada retumbância, grande foi o seu entusiasmo, dirigindo então uma carta admirável de aplauso e fremente de generosidade e de esperança.

Não basta, porém, abolir a pena de morte nem as penas infamantes, em que as leis antigas eram tão férteis, se os preconceitos dos séculos passados não forem também arrancados do coração dos homens. De pouco valerá, de facto, dar esse passo em frente, se tudo ficar no papel e não se incutir no espírito das jovens gerações o respeito pela Pessoa Humana. A Justiça só é, só deve ser cega por punir indiferentemente o nobre e o plebeu, alheia a preconceitos de casta ou de posição social. Deixará de ser Justiça se castigar atrabiliàriamente até ao ponto de aniquilar a pessoa moral do Homem.

Em todos os países anglo-saxónios a lei determina que qualquer indivíduo preso sob a acusação da prática de um delito só possa ser interrogado na presença do seu advogado, o que impede o abuso da força, clássico em tantos países do sul da Europa, para arrancar confissões pela violência física ou pela tortura moral. A garantia do **habeas corpus** também não permite a prisão arbitrária, o que demonstra como esses povos admiráveis souberam arrancar aos déspotas leis humanas por respeitarem acima de tudo o Homem.

Na Alemanha nacional-socialista a «Gestapo» de Himmler, e na Rússia soviética o M. V. D. de Beria, ficarão pelos séculos fora a atestar que espécie de fera **ainda** é o homem quando deliberada e friamente esmaga dentro de si a humanidade para deixar vir à superfície a animalidade ancestral, que a nossa dignidade deveria tudo fazer para matar para sempre.

Não, não basta abolir a pena de morte, porque a morte pode ser uma libertação quando a tortura, física ou moral, se tornou insuportável. O que se impõe e de forma premente, como imperativo categórico da consciência dos homens, é dar a cada delinquente a certeza de que a sua personalidade será respeitada e que ele terá sempre a oportunidade de uma reabilitação,

Continua na pág. 7



O Escotismo através do Mundo

Conselho Executivo da Conferência Escotista da Europa

Este Conselho esteve reunido em Zurique, em Junho último.

Entre outras resoluções que foram tomadas, destaca-se a que diz respeito ao Fundo da Fraternidade Escotista.

Este Fundo tem o objectivo de conseguir que *cada escoteiro contribua com um escudo*, economizado e ganho por ele próprio, para ajudar outros escoteiros econòmicamente menos privilegiados.

Além do aspecto de ajuda dada por um escoteiro a outro escoteiro que este Fundo possui, tenta-se ainda alargar este auxílio à juventude de países em desenvolvimento.

* * *

Ao Conselho Europeu vai ser dado o lugar de membro consultivo do Conselho Mundial do Escotismo. Doravante, o seu presidente será convidado para tomar assento em todas as reuniões daquele elevado órgão do escotismo mundial.

CANADÁ

No Centro Escotista da Exposição Internacional de Montreal realizou-se, numa das noites em que funcionou este certame, um grande fogo de conselho em que tomaram parte mais de 4.000 escoteiros e guias, não só do Canadá, mas também do Brasil, Ceilão, Guadalupe, Grã-Bretanha e Estados Unidos da América.

As canções escotistas e a fumarada da deslumbrante fogueira envolveram, nessa noite, os pavilhões da grande Feira.

Lady Baden-Powel esteve presente, transmitindo a todos os que ali se encontravam o calor do seu entusiasmo. Dirigindo-se aos escoteiros e guias, afirmou: «*Estou deslumbrada com o que estou a ver e sinto-me orgulhosa de todos vós*».

De manhã, durante um desfile de estandartes escotistas na Praça das Nações existente no recinto da Exposição, *Lady* B.-P. pôde verificar o afecto que inspira a toda a juventude como chefe mundial das Guias, isto apesar dos seus 78 anos de idade.

Uma multidão de 5.000 pessoas, presas de verdadeiro entusiasmo, escutou o apelo que *Lady* dirigiu à juventude de todo o mundo, convidando todos a usarem as mãos e a cabeça na realização do bem dos respectivos países.

FRANÇA

Onze escoteiros cegos de Toulouse desceram à gruta de Sabart (Ariège), onde permaneceram 24 horas.

Os rapazes deram mostras de grande perícia para atingirem o fundo da gruta, agarrando-se às paredes escorregadias.

Para a descida, que durou 40 minutos, foram utilizadas escadas especiais.

Os organizadores da expedição afirmaram que esta teve «grande interesse do ponto de vista educativo e sensorial».

ITÁLIA

Festival do Filme Escotista Mundial — Os pedidos de participação neste festival serão recebidos até 15 de Outubro p. f., sendo admitidos todos os filmes de assunto escotista e bem assim os que se inspirarem nos ideais e princípios do escotismo.

Neste festival podem participar todas as associações cinematográficas ou pessoas, nas duas divisões: profissional e amadora.

Um grande prémio — Ferro de Gôndola — será atribuído a cada uma destas secções.

Os filmes de produção industrial no formato de 35 mm, devem ser apresentados em 16 mm.

Todos os filmes devem ser recebidos na Secretaria do festival até ao dia 15 de Janeiro, em cópia única e com o texto do comentário em inglês ou francês, e serão devolvidos à origem, salvo os premiados, até 15 de Março de 1968.

Professor António Álvaro Dória

No regresso de férias na província do Algarve, passou alguns dias em Lisboa na companhia de sua Esposa e dois dos seus filhos, o nosso ilustre e dedicado colaborador Sr. Professor António Alvaro Dória, antigo chefe escoteiro diplomado e apreciado homem de letras. Apesar do período de férias, em que se encontram ausentes alguns dos dedicados colaboradores de «Sempre Pronto», foi possível reunir um grupo de amigos constituído pelos srs. Albano da Silva, Dr. Eugénio Henrique Ramos, Luís Simões Aurélio; Director, Director-Adjunto, Administrador e Redactor Principal de «Sempre Pronto», todos acompanhados das respectivas esposas, e o primeiro ainda de seu filho Jorge, que se encontraram num jantar que se revestiu de muita intimidade.

Mais tarde, todos os presentes se reuniram na sede da Associação dos Escoteiros de Portugal, onde durante agradáveis momentos trocaram úteis impressões acerca dos princípios que devem nortear a acção do Escotismo. No final, foi realçada a maneira judiciosa e actual como o Professor Dória, apesar de afastado do contacto directo com o Movimento, sente e aprecia os seus problemas.

O Professor Dória, em carta dirigida ao nosso Director, agradece a todos os presentes o acolhimento que lhe foi dispensado, sem excluir as **gentis senhoras que quiseram associar-se ao convívio, transmitindo-lhe o colorido da conversa sempre vivo que elas sempre transmitem às reuniões em que tomam parte.**

SERVIÇOS CENTRAIS

Relatório do ano de 1966

A Chefia Geral da A. E. P. distribuiu o Relatório Anual, referente a 1966, das actividades levadas a efeito durante o referido ano.

Além do Acampamento Nacional, realizado no Parque de Escotismo da Caparica, foi levado a efeito um Curso Preliminar da Insígnia de Madeira, no Porto, de 13 a 15 de Agosto do ano transacto, tendo sido passados 16 certificados de aprovação.

Foram ainda entregues 2 certificados a chefes espanhóis, aprovados nos questionários da I parte (teórica) dos Cursos da Insígnia de Madeira.

O relatório faz também menção de outros trabalhos de preparação de cursos que, por motivos diversos, não foi possível levar a efeito.

Publica ainda o resumo das contas relativas ao mesmo ano.

Dos Amigos de "Sempre Pronto"

Doente — Foi sujeita a uma intervenção cirúrgica a sr.ª D. Maria Garcia Inácio, esposa do nosso estimado amigo sr. António João Inácio e mãe dos nossos estimados colaboradores srs. Mariano Garcia Inácio, Luís Garcia Inácio e Armando Garcia Inácio, respectivamente Redactor e Administrador Adjunto de *Sempre Pronto* e Escoteiro-Chefe do Grupo n.º 94.

A esta senhora, que, como noticiámos, se encontra internada no Hospital de Santa Maria, desejamos pronto restabelecimento.

Depois desta notícia composta, soubemos que esta Senhora já regressou a sua casa e se encontra em convalescença.

EXEMPLO A SEGUIR...

O E. C. D. Dr. Fausto Salazar Leite ofereceu à Biblioteca dos Serviços Centrais da A. E. P. álbuns de fotografias, livros, jornais e revistas, que faziam parte de sua biblioteca escoteira e que ficam assim ao serviço dos Escoteiros de Portugal.

Trata-se de uma simpática atitude, que certamente vai ser seguida por outros antigos dirigentes escoteiros, evitando que se dispersem documentos, livros e jornais, que podem ajudar a reconstituir a história do Movimento no nosso país.

ESCOTEIRO-CHEFE-GERAL

Durante uma rápida e recente estadia em Lisboa, o Sr. Comandante Tengarrinha Pires encontrou-se com o Sr. Albano da Silva, Secretário-Geral da Associação dos Escoteiros de Portugal, com quem tratou de assuntos directamente ligados ao programa de trabalhos dos Escoteiros de Portugal.

SOBRESCRITOS COMEMORATIVOS DO X JAMBORI NO AR

Todos os pedidos para aquisição de sobrescritos comemorativos do X Jambori no Ar devem ser feitos à Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, Rua de São Paulo, 254, 1.º — Lisboa-2.

A televisão e o tabaco

Com a devida vénia, transcrevemos, com o nosso apoiado, este apontamento do «Diário de Lisboa» na sua secção «T. V. Dia a Dia»:

O PORMENOR

«Não é segredo para ninguém que o tabaco possui grandes responsabilidades no cancro pulmonar. De todo o mundo nos chegam notícias de medidas tendentes a limitar a propaganda do tabaco. Um livro, que tenho à minha frente, considera essa propaganda criminosa. O mesmo pensam já as autoridades de alguns países onde se proíbe se fume nos transportes públicos e se coloca a publicidade tabajista fora de lei.

Infelizmente, ainda não se chegou entre nós a esse apuro. Enquanto tal não acontece, seria conveniente que o bom-senso andasse pelos seus próprios pés e que, por imperativo dele, se limitasse o mais possível o raio de acção do tabaco.

Uma das medidas de fácil legislação consistiria, para já, na proibição do fumo na Televisão. Nada tão contagioso como o exemplo — e o espectáculo de entrevistados e entrevistadores fumantes não pode deixar de impressionar quando se avalia, por um lado, a capacidade de penetração televisiva, e, por outro lado, a qualidade juvenil do público de certas rubricas.

Ainda ontem, por exemplo, na emissão de «Barreira de Sombra» todos viram o locutor Fialho Gouveia e o toireiro Manuel Conde pendurados nos paivantes, enquanto o fumo denso nos transportava a um mundo irreal que até talvez esteja de acordo com o mundo tourino, quem sabe...

Não sei se a entrevista resultou como propaganda da tourada. Como propaganda cigarreira resultou, sem dúvida. Não seria essa a intenção de Gouveia e de Conde. Mas era bom, para evitar equívocos, que a R. T. P. tomasse posição perante o grave problema dos fumadores na presença das câmaras. Aguarda-se há anos que tal aconteça.»

Muito bem e muito pertinente! Talvez o conselho aproveite a dirigentes escoteiros que ignoram que não há **nada tão contagioso como o exemplo...**

QUERER É PODER

O ACAMPAMENTO REGIONAL DO NORTE *foi uma vitória da aplicação e esforço*

Sábado, 12 de Agosto. — Vai iniciar-se o grande acontecimento tão ansiosamente esperado e desejado pelos escoteiros da Região Norte. Tudo a postos para o Acampamento Regional do Norte, que confirmará, todos o desejam, o excelente trabalho de revitalização do movimento escoteiro que se vem operando com firmeza nos Núcleos do Porto e Gaia.

O repórter de «Sempre Pronto» é o primeiro participante estranho à Região Norte a dar entrada no magnífico Parque do Covelo, que a gentileza do Director do A. T. N. P., no Porto, Sr. Dr. José Rebelo Valente Pereira Cabral, pôs à disposição dos escoteiros.

Um primeiro relance elucida-nos de que tudo foi preparado com entusiasmo e preocupação de acertar. O serviço de Secretaria, que engloba a recepção e **contrôle** de presenças, apresenta-se-nos perfeitamente eficiente e outros serviços revelam igualmente eficácia e utilidade. Encontraremos, mais tarde, uma ou outra falha, que não diminuem a nota alta que os organizadores merecem, aliás, os primeiros a reconhecer e assinalar essas falhas, fàcilmente atribuíveis à falta de experiência em actividades deste género.

O ACAMPAMENTO

Perdem-se já nas sombras do tempo as recordações do último Acampamento Regional do Norte. Tem, por isso, um redobrado interesse o acampamento a que estamos a assistir, que marcará, sem dúvida, uma etapa importante da história do Escotismo em Portugal, assinalando o progresso e renovação do Movimento no norte do País.

Para que assim seja, trabalharam àrduamente, durante quatro meses, todos os dirigentes nortenhos, numa manifestação perfeita do verdadeiro espírito escoteiro, conseguindo ainda congregar o entusiasmo de perto de oitenta rapazes, que afincadamente prepararam, apenas em dois ou três fins de semana, o terreno necessário para a instalação do acampamento.

Além do já citado serviço de Secretaria, foram ainda montados os serviços de abastecimento, onde prestaram amável e simpática colaboração as esposas de alguns dirigentes, e os serviços de Socorros, estes a cargo da Cruz Vermelha Portuguesa, denotando a maior eficiência.

Tal como o último Nacional, foi este Acampamento sujeito ao traço da **Simplicidade**, não lhe faltando, todavia, algumas daquelas características que distinguem os acampamentos escoteiros, nomeadamente o asseio e cuidadoso arranjo dos subcampos de alguns grupos, que mereceram elogiosas referências dos visitantes. Estes foram em número de algumas centenas, graças a um bem elaborado plano de divulgação, proporcionando, assim, excelente propaganda do Escotismo, finalidade amplamente atingida.

A INAUGURAÇÃO

Domingo, 13. — Chegou o grande momento. São dez horas da manhã, o Sol brilha pondo fulgurações de ouro nas copas dos pinheiros altos e esguios. Os escoteiros perfilados saúdam as bandeiras que sobem nos mastros brancos, aguardando, depois, que o Chefe Geral Adjunto declare inaugurado o Acampamento Regional do Norte de 1967.

Um frémito de alegria percorre todos os escoteiros nortenhos. Conseguiram realizar o tão sonhado Regional.

Estão presentes, além do Chefe Geral Adjunto, o Delegado dos Serviços Centrais no Norte, Sr. Comandante Coutinho Lanhoso, o Presidente da Junta de Freguesia de Paranhos, Sr. Carlos José Valente, o Corpo Directivo do «Sempre Pronto», alguns antigos escoteiros e famílias.

O Chefe Geral Adjunto congratula-se com a realização deste Acampamento, dirigindo aos chefes e aos rapazes palavras de estímulo. O Sr. Comandante Coutinho Lanhoso saúda todos os presentes e exorta realmente os rapazes ao cumprimento da **Lei**. O Sr. Carlos José Valente refere-se à benéfica influência do Escotismo na formação da juventude.

Acabados os discursos, fica o acampamento. São 3 dias de sã alegria, camaradagem, fraternal convívio, em contacto com a Natureza.

É esse o fim principal desta actividade e ele será indubitàvelmente conseguido.

O PROGRAMA

Do bem elaborado «Guia do Acampamento», distribuído a todos os participantes, destacamos os seguintes pontos do programa geral do Acampamento:

DIA 12

15 h. — Abertura. Inscrição dos participantes. Montagem dos subcampos;
21 h. — Reunião de chefes;
22 h. — Fogo do Conselho;
23 h. — Recolher.

DIA 13

7 h. — Alvorada;
8,45 — Inspecção dos campos;
9 h. — Serviço religioso Evangélico;
10 h. — Inauguração oficial;
11 h. — Serviço religioso Católico-Romano;
15 h. — Visitas ao acampamento;
18 h. — Palestra com os guias;
21,30 — Fogo do Conselho;
23 h. — Recolher.

DIA 14

7 h. — Alvorada;
9 h. — Inspecção aos campos;
9,30 — Içar das bandeiras;
10 h. — Visita à cidade do Porto;
15 h. — Visita a uma cave de vinhos do Porto;
22 h. — Reunião de chefes e guias;
23 h. — Recolher.

DIA 15

7 h. — Alvorada;
9 h. — Inspecção dos campos;
10,30 — Desfile pela cidade do Porto;
15,30 — Festa de campo;
19 h. — Encerramento.



Se nem sempre o horário foi rigorosamente cumprido, mercê de várias contingências, não deixou o programa de ser escrupulosamente respeitado, pelo que, além das habituais cerimónias escotistas, foram proporcionadas aos escoteiros duas visitas de muito agrado: uma à cidade, que os jovens de Lisboa, Entroncamento, Sintra e Algarve percorreram com grande interesse, admirando alguns dos seus monumentos; outra, às caves da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, em Vila Nova de Gaia, que mereceu igualmente muito interesse.

O ESCOTEIRO É ALEGRE

A alegria do escoteiro é algo de contagiante, proporcionando a sã amizade.

Todo o acampamento foi pois um retiro de boa disposição e a rapaziada aproveitou bem todos os momentos para exteriorizar a alegria sã que o convívio escoteiro sempre proporciona.

Todavia, o escoteiro tem especial carinho pelos momentos vividos no «Fogo do Conselho», cujo simbolismo aprendeu logo na sua primeira noite no campo, e é aí que ele, ora divertido ora respeitoso, vive com emoção todo o prazer de um cair da noite à roda da fogueira.

Armando Inácio, chamado a colaborar, utiliza a sua contagiante alegria na orientação dos dois «Fogos do Conselho» realizados, o segundo dos quais presenciado por mais de duzentas pessoas, que aplaudem, cativadas, as diversas interpretações.

Algumas canções são cantadas em coro com a assistência, que sai dali com o fascínio do Escotismo nos olhos e no coração.

No dia seguinte, haverá mais jovens que querem ingressar no Movimento, pais que desejam o Escotismo para seus filhos.

O Escotismo a todos acolherá e ajudará.

Velhos escoteiros visitaram o Regional, como o Sr. Armando Pinto dos Santos, um dos mais antigos escoteiros do Norte, que foi chefe, dedicado e competente, do Grupo n.º 70, do Porto.

Continua na pág. 5



A demora de João Luís

Rui foi juntar-se aos companheiros, que o esperavam perto do velho castelo em ruínas, de onde se avistava a cidade.

Os quarenta escoteiros, todos em traje de gala, notaram imediatamente o seu ar contrariado.

— Nada! — disse ele. — Sempre gostaria de saber por que motivo o João Luís não aparece...

— Talvez tenha tido algum furo... — sugeriu Vicente, o melhor amigo de João Luís...

Bernardo, gorducho, bochechudo, sentado à sombra de uma moita, abanou a cabeça e resmungou.

— Qual furo! Ele tem a bicicleta em reparação... Deve vir a pé...

— Então esquece-se! Não me admiraria nada que tenha ido directamente para a sede e esteja lá à nossa espera...

Guilherme protestou:

— Qual?! Fui eu próprio quem o avisou... E, quando nos separámos, ele mesmo disse: «*Combinado! Amanhã no castelo, às sete da tarde*». Até acrescentou que tinha ficado muito sensibilizado com a nossa atenção...

Vários murmúrios se elevaram:

— Bom, nesse caso...

— Quem havia de dizer!

— Está a rir à nossa custa!

* * *

Guilherme, o chefe do grupo, dificilmente disfarçava o seu mau humor.

Estudante de Medicina, para quem o tempo era terrivelmente precioso, gostava da exactidão. E, depois, aquela reunião fora ideia sua.

Uma semana antes, João Luís aparecera-lhe, muito contente, a anunciar que tinha feito com êxito os exames de «primeiros socorros» e tinha direito ao diploma. As provas haviam sido longas e difíceis.

João Luís não era um rapaz ocioso. Pelo contrário, trabalhava numa oficina de metalurgia, trabalho duro que lhe exigia muitas energias. Para obter o seu diploma de «primeiros socorros», sacrificara muitas horas de repouso.

E, para premiar esse esforço, Guilherme decidira entregar-lhe o diploma com toda a solenidade. Tinha convocado quatro patrulhas — os «*Pinguins*», os «*Ursos*», as «*Doninhas*» e os «*Gansos*» — para aquela quinta-feira, à tarde, avisando que não aceitava abstenções.

Todos tinham comparecido à hora marcada. Só o interessado, o festejado, não aparecia!

De novo Rui, o guia de patrulha de João Luís, consultou o relógio.

— São quase sete e meia. Acho que já não devemos contar com ele — disse, contrariado.

Guilherme chamou o seu ajudante:

— O Rui tem razão — aprovou. — Vamos fazer alguns jogos e depois... para casa.

* * *

Uma hora mais tarde, os quarenta rapazes começaram a dispersar.

Guilherme foi o último a afastar-se, com um sorriso amargo nos lábios.

Até então tivera João Luís como um dos melhores elementos do seu grupo. Mas, agora via-se obrigado a mudar de opinião.

— Os outros têm razão de resmungar contra ele — pensava. — Parece-me que foi muita indelicadeza da sua parte. Quando o vir, eu lhe direi!

Ora, exactamente no momento em que ia a chegar ao cais, avistou o rapaz, que, de cabeça baixa, começava a subir a encosta. Ao ver Guilherme, o aprendiz teve um sorriso crispado.

— Chego muito tarde!

— Acho que sim! — volveu o chefe, secamente.

— Os outros já se foram todos embora?

— Claro que foram! Ou querias que, por tua causa, dormissem no alto do monte?

Com dureza, acrescentou:

— Ficas desde já a saber que gosto pouco do género de pessoas que querem fazer-se desejadas. Comigo isso é inútil, meu rapaz!

João Luís empalideceu:

— O quê? Eles pensaram... e tu também?!

— Fazes favor de te explicar...

— Foi na oficina. Há lá um novo que já está muito mal visto. E, coitado, não conseguia acabar o trabalho que lhe tinham dado. O mestre estava furioso e já lhe tinha dito: «*Aprendizes como tu, não são cá precisos... Quero as peças esta tarde, ouves? Esta tarde! Se não as acabares, rua! Estás a perceber?*» Claro que o pobre rapaz percebia... Mas é um tímido... Estava todo a tremer. Cada vez trabalhava mais devagar. E a família precisa muito de que ele ganhe algum dinheiro.

João Luís calou-se por momentos.

— E então? — perguntou o chefe, cuja voz se tinha tornado menos dura.

— Então, pensei na reunião. Uma reunião para mim, por minha causa... Não podia faltar! Mas, por outro lado, via o pobre rapaz cada vez mais desorientado, mais aflito. O mestre tinha saído da oficina e eu podia muito bem ajudá-lo sem que ninguém reparasse.

João Luís olhou Guilherme bem de frente.

— Chefe, é muito difícil escolher assim entre duas coisas igualmente importantes. Qual era mais grave? Faltar à reunião, contrariar-te, parecer que desdenhava a honra que querias dar-me ou deixar que o meu companheiro fosse despedido? Ele é ainda um miúdo...

Guilherme continuava calado.

— Compreendes — insistiu o rapaz —, ou bem que se é escoteiro...

— Sim! — disse por fim o chefe. — Tiveste razão! Entre dois deveres, escolheste o que para ti era mais difícil.

Estendeu a mão a João Luís.

— Escolheste o que era afinal mais importante do que todos os diplomas: ajudar um companheiro em dificuldades.

(N. da R. — *Este interessante conto foi publicado em* Nau Catrineta, *suplemento infantil do* Diário de Notícias, *de 10 de Fevereiro p. p., donde, com a devida vénia, o transcrevemos. Não queremos, contudo, deixar de observar que, ao contrário do que se lê nesta narração, os escoteiros não possuem uniforme de gala, pois a bem conhecida farda de escoteiro, bastante bonita por sinal, é usada em todas as actividades e cerimónias, isto por ser a única que um escoteiro possui. Também quando se diz que* o chefe do grupo dificilmente disfarçava o seu mau humor, *revela-se uma atitude bem pouco própria de um dirigente escotista. Sabe Deus a dose de paciência que, quem desempenha tais funções, precisa de ter, em certas contingências, nas relações com os seus escoteiros!... Estas duas observações em nada desvalorizam este trabalho literário, cujo espírito escotista é evidente e onde se desenvolvem conceitos de muito merecimento*).

O ACAMPAMENTO REGIONAL DO NORTE

Continuação da pág. 4

O ENCERRAMENTO

Sendo a menos alegre de todas as cerimónias do Acampamento, porque representa a partida e o afastamento, o encerramento do Acampamento Regional de 1967 não deixou de ficar vivamente gravado no espírito de todos os participantes.

Presente o Ex.mo Sr. Dr. José Rebelo Pereira Cabral, a quem se ficou a dever a possibilidade de utilizar tão excelente local. Presentes também algumas Aquelás e lobitos da Alcateia anexa ao Colégio Inglês do Porto. Igualmente presentes antigos escoteiros e muito público, curioso e agradado.

O encerramento foi precedido de uma alegre festa de campo, durante a qual fizeram o seu «Compromisso de Honra» alguns novos escoteiros, entre os quais cinco novas sementes do «velho 84» do Entroncamento presente com algumas reminiscências da sua célebre banda, deixando-nos ficar uma afagadora esperança de que vai haver mudança de agulhas na terra dos fenómenos, se o vapor não faltar na locomotiva do Chefe Horta.

VALEU A PENA

Já a caminho de Lisboa, procurámos numa rápida análise fazer o balanço deste Acampamento Regional. O resultado é francamente positivo. Nem tudo terá saído como desejariam os esforçados dirigentes do Norte, mas o seu esforço não foi iludido e só uma coisa se impõe, no momento: prosseguir. Continuar o plano de trabalho, elaborado com interesse, redobrar de entusiasmo e aguardar com confiança o amanhã do Movimento no Norte, forçosamente, mais perfeito e mais forte.

M. G.

N. da R. — *No próximo número, serão publicadas mais notícias sobre esta grande actividade, assim como entrevistas e apontamentos, que, por falta de espaço, fomos forçados a retirar.*

O XII JAMBORI MUNDIAL

Continuado da pág. 1

Também Portugal esteve representado no grande acampamento. A sua delegação, das mais diminutas, portou-se galhardamente, mostrando-se assim à altura da honrosa missão que lhe foi confiada.

Foi uma grande experiência acerca das virtualidades do movimento escotista. Logo à nossa chegada a Nova Iorque, depois de uma boa viagem de avião através do Atlântico, começámos a tomar conhecimento do espírito de amizade que, por toda a parte, iríamos encontrar na grande nação americana e no Canadá. Dois escoteiros norte-americanos aguardavam-nos no aeroporto, que imediatamente nos deram as primeiras indicações, fazendo-nos seguir para o hotel onde ficaríamos nessa noite.

Voando até ao Jambori

No outro dia, de manhã, tomámos o avião que nos ia deixar em Seattle, já a oeste do continente americano. Novamente aqui, escoteiros americanos esperavam a sua vez de nos serem úteis. Ofereceram-nos uma viagem pela cidade, enquanto aguardávamos o avião que nos transportaria até Vancouver, no Canadá. Também aqui, um rapaz canadiano, que falava português, nos foi de extrema utilidade, pois nos arranjou hotel, o que era muito difícil.

Estivemos nesta cidade três dias. No dia 31, voámos para Seattle, passando por Vitória. No aeroporto de Seattle já se encontravam numerosos escoteiros, que iam a caminho do Jambori. Tomámos o avião para Spokane. Desta cidade, fomos conduzidos até ao recinto do Jambori por um chefe americano, especialmente designado para nos acompanhar.

A chegada ao Jambori

A chegada a Farragut State Park, onde se ia realizar o Jambori, deu-se por volta das 15 horas do dia 31.

Começámos a montar o nosso campo. À noite, fomos a um fogo do conselho no nosso subcampo. Como todos os países teriam de dizer **boa noite** na própria língua, tivemos a nossa primeira intervenção efectiva no Jambori ao dirigir esta saudação a todos os presentes.

Dia 1 de Agosto — o primeiro dia do Jambori. Levantámo-nos cedo e continuámos a preparar o nosso campo.

À noite, realizou-se a cerimónia inaugural do XII Jambori Mundial. Na arena do acampamento assistiu-se a um espectáculo invulgar, quando 13.000 escoteiros faziam evoluções até ocuparem os seus devidos lugares.

A cerimónia iniciou-se com discursos proferidos por dirigentes norte-americanos. A seguir, foram apresentadas à assistência as individualidades presentes, entre as quais se destacava *lady* Baden-Powell.

Outro momento digno de interesse desta cerimónia, foi a visão retrospectiva dos Jamboris Mundiais que precederam o de Idaho.

Porém, o espectáculo atingiu o auge quando apareceram autênticos peles-vermelhas, dos arredores de Spokane, que ofereceram à assistência algumas danças guerreiras. No final, fizeram a demonstração de um ritual de invocação das tempestades. Nesse momento, um maravilhoso fogo de artifício iluminou os ares. Como curiosidade, assinale-se que os foguetes eram disparados por ruidosos canhões. No meio desta gigantesca girândola de luz, apareceu, sobre os montes vizinhos do Jambori, o lema do acampamento **«Para a Amizade»** escrito em inglês, em francês e em espanhol. Foi um momento de encanto aquele que à assistência foi dado gozar na altura deste espectáculo extraordinário. Mas a maravilha ainda foi maior quando se avistou, em cores de beleza sem igual, o emblema do XII Jambori, em imagens de fogo!

Como decorreu o Jambori

O dia do Jambori decorria com aquelas actividades que são próprias de reuniões desta natureza: excursões, visitas a outros campos, assistências a espectáculos oferecidos pelos diversos contingentes, etc.

Numa noite, assistimos a um fogo de conselho oferecido pela delegação do Canadá. Noutra noite, realizou-se o *pow-wow* de patrulha. Enfim, experiências que vêm valorizar a nossa capacidade escotista.

Porém, um espectáculo extraordinário foi-nos oferecido no dia 4, em Cœur d'Alene: um rodeio autêntico!

O programa iniciou-se com um número de palhaços, seguido de evoluções a cavalo de uma tribo de peles-vermelhas.

Outro número interessante: disputa de dois lenhadores no corte de grossos troncos. A seguir: subida a postes; cavalgadas; lide de bezerros com laço. Outro momento de interesse foi a demonstração de um salto de um cavalo a galope para uma vaca também a galope, seguida da imobilização desta.

O actor Rex Allen também tomou parte no programa, que terminou com corridas de *cow-boys* montados em bizontes e demonstrações com búfalos amestrados.

O escuta Virgílio Soares foi entrevistado para o jornal do Jambori. Eu e o P.e Américo Ferreira Alves fomos fotografados para uma exposição de fotografias de escoteiros uniformizados dos diversos países.

No Domingo, dia 6, foram realizadas diversas cerimónias religiosas.

Outros acontecimentos dignos de registo foram a exposição de cápsulas espaciais. Entre estas, via-se a cápsula utilizada no voo Gémeos IX.

Durante o acampamento, foi frequente o intercâmbio com os escoteiros brasileiros e norte-americanos, pois recebemos alguns deles no nosso campo, nas nossas refeições, indo um de nós tomar essa refeição no campo onde pertenciam esses escoteiros.

Julgo que nem tudo decorreu, como seria para desejar, neste Jambori. Notou-se a falta de algumas coisas e tivemos de enfrentar diversos problemas. No entanto, sentimo-nos satisfeitos pela forma como enfrentámos essas dificuldades. A prova está em que todos os participantes portugueses tiveram jus ao *Prémio Aventura,* o que demonstra a nossa aplicação.

No entanto, para nós o que mais conta é que sentimos que foi atingido um dos objectivos deste Jambori: — **A Amizade.** Ficámos a compreender como é possível existir bom entendimento entre escoteiros de diversas nacionalidades e raças. Isto é, sem dúvida, o grande êxito deste monumental Jambori.

Rui Horácio de Macedo

"SEMPRE PRONTO"

Por motivo da falta de espaço com que vimos lutando, somos forçados a retirar, para o próximo número, alguns originais.

Do facto, pedimos desculpa, tanto aos nossos colaboradores, como a todos os leitores deste jornal.

A propósito do centenário da abolição da pena de morte em Portugal

Continuado da pág. 2

do mesmo modo que, sejam quais forem as circunstâncias, a todo aquele que se julgue inocente se lhe devem proporcionar os meios de demonstrar a sua inocência, sem que se lhe instale na alma para sempre o ódio, o espírito de revolta e de revindicta, em face de toda a coacção moral.

A violência que caracteriza o nosso século, e se estadeia irrepresa no momento em que escrevo, tem de acabar, seja ela manifestada pelo espancamento de um preso, ou pelo bombardeamento de cidades abertas. É necessidade urgente que todos aqueles que detêm nas mãos qualquer poder o utilizem no sentido de chamar os homens ao reconhecimento desta verdade, ainda hoje menosprezada: envilecem-se os homens sempre que procuram aviltar o Homem. Punir de morte um delito, por grave que seja, é usar **legalmente** recursos que sempre utilizaram os irracionais. Torturar, por qualquer processo, o semelhante é requintar um acto reconhecido como condenável, pois a própria fera mata imediatamente a presa antes de a devorar. Só o homem, infelizmente, se compraz com o sacrifício dos seus semelhantes.

Portugal deu, há 100 anos, um exemplo que dele fez um pioneiro na Europa desse tempo. Congratulemo-nos com o facto, que só pode enobrecer-nos aos nossos próprios olhos. Como disse o ilustre Professor Guilherme Braga da Cruz na sessão comemorativa da Academia das Ciências, é «motivo de legítimo orgulho para todos nós, Portugueses, a comemoração de tão honrosa efeméride atenta especialmente a circunstância de sermos, entre as velhas nações europeias, a que há mais tempo aboliu a pena capital e se manteve inalteràvelmente fiel a essa abolição», pelo que «Portugal pode ser apontado como exemplo ao Mundo, na luta por uma sociedade mais digna, mais livre, mais responsável mais humana».

Congratulemo-nos, pois. Mas congratular-nos-íamos muito mais se daqui partisse o movimento que visasse à condenação formal da violência contra a Pessoa Humana, afirmação insofismável de termos dado um passo gigantesco no caminho do progresso moral.

Para honra do Homem, deve expulsar-se a violência, sob qualquer dos seus aspectos, das sociedades humanas. Só assim, quebrando os derradeiros laços que possam prender os homens à milenária animalidade, poderão os povos considerar-se civilizados.

II Salão de Arte Fotográfica

PROMOVIDO PELA DELEGAÇÃO DISTRITAL DE LEIRIA DA MOCIDADE PORTUGUESA

A Delegação Distrital de Leiria da Mocidade Portuguesa leva a efeito, nos princípios do próximo mês de Novembro, o seu II Salão de Arte Fotográfica, a que podem concorrer todos os fotógrafos amadores do Continente, sejam, ou não, filiados daquela Organização.

São aceites trabalhos a preto e branco e ainda diapositivos a cores.

Os interessados em participar nesta interessante actividade, poderão dirigir os pedidos de boletins de inscrição àquela Delegação Distrital.

«SEMPRE PRONTO»

visitou as sedes dos Grupos N.os 4 e 15, do Porto

Por amável deferência dos seus dirigentes, alguns dos membros dos corpos directivos deste jornal visitaram, no dia 15 do corrente, as sedes dos Grupos n.os 4 e 15, na cidade do Porto.

Na sede do Grupo n.º 4, aonde fomos conduzidos pelo secretário da Direcção, o nosso estimado amigo sr. António Barbosa, fomos recebidos pelos srs. Ireneu Cunha, presidente da Direcção, José Duarte Teixeira e José Martins dos Santos, respectivamente escoteiro-chefe e escoteiro-chefe ajudante do grupo.

A sede deste grupo, apesar das pequenas dimensões, está vistosamente decorada com material e troféus escotistas, que lhe dão um ambiente verdadeiramente típico do nosso movimento.

A sede do Grupo n.º 15, sita na Rua do Barão de S. Cosme, foi-nos franqueada pelo escoteiro-chefe do grupo, o sr. José Mendes dos Santos.

O 15 está instalado numa ampla dependência de uma igreja evangélica. Dispõe também de um bom terraço. Caracterizam-se as instalações pelo aspecto ordenado e limpo como estão dispostos os móveis e ainda pelos motivos escotistas expostos, que dão ao ambiente um ar bastante acolhedor. De assinalar, um magnífico painel escotista que ocupa a parede do fundo da sala.

Sempre Pronto agradece a forma hospitaleira como foi recebido nestes dois recintos escotistas.

X JAMBORI DO AR

Do Secretário Geral Adjunto da A. E. P., o nosso estimado amigo sr. Justino Estêvão da Silva, recebemos sobrescritos litografados com o carimbo do dia comemorativo desta actividade.

Gratos por esta cativante oferta.

Almirante Henrique Tenreiro

Por motivo da passagem à reserva, o *Diário do Governo* publica uma portaria do sr. Ministro da Marinha, louvando o sr. Almirante Henrique Tenreiro *pela forma inteligente, patriótica, distinta e honrosa como cumpriu as complexas e delicadas missões que lhe foram atribuídas durante a sua longa carreira de oficial da Armada*, e condecorando-o com a medalha militar de ouro de serviços distintos.

Felicitamos o ilustre Presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal pela distinção com que fica marcada a sua carreira de militar.



O Grupo n.º 77, de Faro, empreendeu uma campanha contra os incêndios florestais

O Grupo n.º 77, de Faro, lançou uma actividade utilíssima e oportuna, de carácter nitidamente escotista. Referimo-nos a uma campanha de prevenção contra fogos nas matas florestais.

Esta iniciativa, digna de todos os elogios, está a ser levada a cabo em vários sectores, como seja com a colocação de avisos nas matas, enterramento de vidros que se encontram próximos de vegetação, conselhos, etc.

Eis uma campanha que merece todo o carinho das pessoas e entidades que com ela possam cooperar, a qual deveria servir de incentivo para que outros grupos de escoteiros se decidam a meter ombros a igual realização.

Parabéns ao 77 e votos de bons resultados.

LOBITISMO

Está a realizar-se no Porto um Curso para Aquelás

Orientado pelo dirigente da A. E. P. Sr. José Eduardo Pena Ribeiro, está a decorrer no Porto, durante a segunda quinzena de Agosto, um Curso para formação de Aquelás, destinado aos chefes de alcateias, seus ajudantes e outras pessoas interessadas naquela cativante tarefa.

A realização deste Curso deve-se à exclusiva iniciativa do referido dirigente, à qual a Chefia Geral e os Chefes dos Núcleos do Porto e de Gaia deram pronto e interessado apoio.

Do entusiasmo e saber do Chefe Pena Ribeiro, que é o único dirigente português que frequentou o Curso de Aquelás do CAPI (França) muito beneficiará, certamente, o lobitismo no Norte, onde se nota um acentuado entusiasmo mas é notória a carência de dirigentes preparados para orientar tão importante sector do Movimento Escotista.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Número 268

Agosto de 1967

O «Sempre Pronto» no Norte

O Norte está grato ao «Sempre Pronto» pelos serviços que tem prestado ao Escotismo — afirmaram os Chefes dos Núcleos do Porto e Gaia, numa reunião de Chefes e Guias dedicada ao nosso jornal.

O nosso jornal esteve presente no Acampamento Regional do Norte. Mas não se limitou a uma presença de serviço, pois ali se deslocou todo o corpo directivo e redactorial, numa verdadeira visita de amizade. Assim o entenderam também os dirigentes do Norte, que nos receberam gentilmente, garantindo-nos a sua simpatia e colaboração.

Numa reunião de chefes e guias especialmente dedicada ao nosso jornal pudemos verificar com satisfação a estima e interesse que **S. P.** disfruta entre os escoteiros daquela região.

Abriu esta reunião o Rev. Vidal dos Santos, Chefe do Núcleo do Porto, que, com palavras de muita simpatia, se referiu ao nosso jornal, dizendo que só graças a ele pode ainda hoje reviver momentos saudosos da sua vida escotista, porque estes se encontram registados nas páginas dos exemplares antigos que colecciona cuidadosamente e lhe proporcionam enorme satisfação. Acentuou ainda a utilidade do jornal no convívio entre antigos ou actuais escoteiros das diversas localidades, mantendo-os ao corrente do que se passa noutros pontos.

Falou em seguida o nosso Director que, depois de saudar os presentes, felicitando-os pela excelente actividade que haviam conseguido erguer e levar a bom termo, expôs a sua preocupação de que o jornal possa ser mais útil aos escoteiros do Norte, noticiando com mais desenvolvimento as suas actividades, solicitando nesse sentido a colaboração dos dirigentes e escoteiros nortenhos, a quem pediu igualmente apoio com vista à sua expansão, através de novos assinantes que ajudem a vencer as dificuldades financeiras com que «Sempre Pronto» se debate.

Deu depois a palavra aos seus colaboradores, falando sucessivamente Joel Ribeiro, Mariano Garcia e Capitolino Macedo que, ocupando-se cada um de assuntos dos seus pelouros, expuseram planos para uma melhor colaboração de «Sempre Pronto» com o escotismo do Norte.

A aplaudirem aqueles planos e oferecendo sugestões, fizeram-se ainda ouvir os dirigentes Srs. Arnaldo Couto, Nobre Santos, Aníbal Horta e Vidal dos Santos, que renovaram elogiosas referências à acção do nosso jornal.

No final, o Sr. Eduardo Ribeiro agradeceu a todos os presentes a amizade que manifestavam para com o «Sempre Pronto», certo de que este passará a ter mais colaboradores a servi-lo e a apoiá-lo, para que possa servir ainda melhor a causa a que desinteressadamente se votou há já 22 anos.

M. G.

II Poemeto filatélico

(ao ver o selo comemorativo do Código Civil Português)

Eis, em imagens iguais
«Justiça» — em dupla figura.
Ambas se fitam, leais.
Assim se nos afigura
A que acata. E a que defende!
A honra dos tribunais
Deste equilíbrio depende.

Eduardo Moreira

O Concurso de Encadernações

UMA ACTIVIDADE PARA AS PATRULHAS

Conforme dissemos no último número, o regulamento deste concurso foi modificado, a fim de permitir uma mais efectiva participação das patrulhas nesta interessante actividade.

Assim, o prazo para as inscrições termina em 30 de Setembro p. f., *impreterivelmente*.

A recepção dos trabalhos será feita até ao dia 31 do próximo mês de Dezembro.

Este alargamento de prazos foi feito com o intuito de facilitar a comparticipação no concurso de escoteiros que, de outro modo, não seria possível, dada a época de exames e de férias que se atravessava.

Os outros pontos do regulamento têm de ser rigorosamente cumpridos, como é obvio.

Assim, aproveitamos o ensejo para lembrar o seguinte:

— À patrulha CÃO, do Grupo n.º 94, de Lisboa — não apresentaram ainda a carta com a declaração assinada pelo Chefe do Grupo (artigo 5.º, § único);

— À patrulha FALCÃO, do Grupo n.º 8, de Lisboa — falta a lista com o nome e a idade dos escoteiros da patrulha (artigo 6.º, do Regulamento);

— À patrulha LOBO, do Grupo n.º 44, de Vila Nova de Gaia — não cumpriram quaisquer das formalidades indicadas às duas patrulhas acima.

As patrulhas ÁGUIA, do Grupo n.º 77, de Faro, e CUCO, do Grupo em organização em Benguela, têm a sua situação devidamente regularizada.

Em breve serão enviados os jornais às patrulhas concorrentes, a fim de serem encadernados.

Esperam-se novas inscrições, em especial de patrulhas dos Grupos do Porto e de Vila Nova de Gaia, agora a atravessar um surto de progresso e de grande entusiasmo.

A Cruz Vermelha Portuguesa

colaborou no Acampamento Regional do Norte

«Sempre Pronto» assinala, com prazer, a gratidão de todos os escoteiros pela presença da Cruz Vermelha Portuguesa no Acampamento.

Numa simpática demonstração de apreço pelo Escotismo, aquela prestimosa corporação, satisfazendo e ultrapassando o que lhe foi solicitado, instalou numa das tendas do acampamento um exemplar serviço de primeiros socorros, excelentemente apetrechado, mantendo permanentemente em campo uma equipa de enfermeiros, que prestaram inestimáveis serviços.

Foram assistidos mais de uma centena de casos, todos de pequena ou nenhuma gravidade, mas que serviram para colocar em evidência o valor de tão preciosa colaboração.

Assinale-se, como curiosidade, que mais de dois terços dos acidentes registados se verificaram entre os visitantes do acampamento.

Bem haja a Cruz Vermelha Portuguesa.

M. G.